

PANORAMA MACROECONÔMICO

Dúvidas quanto à aprovação de reformas no ambiente externo e interno sustentaram a cautela nos mercados financeiros no mês de novembro. Diante do grau de incerteza, os investidores evitaram ativos de maior risco e de alta volatilidade, o que impactou negativamente o câmbio doméstico, o preço dos títulos públicos e o mercado acionário.

Nos EUA, as atenções giraram em torno da discussão sobre a aprovação da reforma tributária. Donald Trump solicitou discussão e decisão até o final de 2017, o que trouxe certa insegurança sobre aprovação do projeto, dado o prazo apertado. A reforma enfrenta algumas resistências da oposição democrata e de uma parcela dos republicanos, que se preocupam com os impactos sobre as contas fiscais e sobre a dinâmica da dívida pública. Trump defende que se aprovada, a redução da arrecadação com impostos poderia ser compensada pelo crescimento da atividade econômica.

Destaca-se que, mesmo com a inflação e as expectativas inflacionárias em patamares baixos, o FED, banco central americano, diz que o impulso na atividade poderia promover um aperto adicional na política monetária em 2018. De acordo com as expectativas dos dirigentes da instituição, espera-se que haja três elevações de juros no próximo ano.

No Brasil, o avanço com a agenda de reformas que pode garantir, segundo o governo, o cumprimento da meta fiscal continuou impondo cautela no ambiente doméstico. As discussões sobre a proposta da reforma da previdência não chegaram a um consenso e o prazo para a votação ainda este ano segue limitado. Adicionalmente, os mercados financeiros começaram a avaliar os possíveis cenários políticos de 2018, antecipando movimento de cautela que era previsto para o começo do ano.

No que tange a economia real, os dados permaneceram com evolução positiva, embora com velocidade gradual. No 3º trimestre, o PIB apresentou expansão da economia de 1,4% na comparação anual com o mesmo trimestre de 2016. Os crescimentos dos setores industriais e de serviços contribuíram com o desempenho do indicador.

Em relação à inflação, em outubro, o IPCA manteve-se em patamar baixo na margem (0,42%) mesmo com a alta de preços administrados (combustíveis e energia elétrica). Sem grandes pressões por parte do consumo, a taxa deve permanecer neste nível nos próximos meses. De acordo com o relatório Focus, o índice deve fechar este ano 3,03% e em 4,02% em 2018.

Com a atividade crescendo de forma gradual e o comportamento benigno da inflação, a taxa Selic deve permanecer baixa nos próximos períodos.

Há, inclusive, no mercado financeiro, perspectivas de que o Banco Central possa continuar reduzindo a taxa de juros em 2018. Todavia, segundo a mediana do mercado do relatório Focus¹, a Selic deve finalizar o ano em 7% a.a. e permanecer estável até o final do próximo ano.